

A PRÁTICA DE DOCÊNCIA EM FORMAÇÃO: O PIBID E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR

Tamires Da Silva França¹
Andresa Weiss Rambo²
Bruna Zimmer³
Ana Cecilia Teixeira Gonçalves⁴
Jeize de Fátima Batista⁵

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, relatamos nossa experiência prática pedagógica no Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID, pela Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Cerro Largo. Iniciamos nossa regência no mês de junho, dia 28, com finalização no dia 12 de julho de 2023. Elaboramos um material sobre os “Povos Indígenas”, porque, pela primeira vez, o Brasil comemora o Dia dos Povos Indígenas, antes, 19 de abril marcava o “Dia do Índio”, uma expressão inadequada. Sobre esse ponto, destacamos a fala do escritor e ativista Daniel Munduruku, na 63ª feira do livro de Porto Alegre: “O correto é sempre chamar o indígena pelo nome. Eu sou Munduruku, mas sou indígena de origem. Índio é uma palavra vazia de significado, indígena é uma palavra cheia de significado. Índio não significa nada, indígena significa originário”.

Optamos por esse tema para que despertasse o interesse e a curiosidade dos alunos, também para que eles adquirissem conhecimento. Sendo assim, estruturamos um plano de ensino com atividades dinâmicas, com base em um documentário sobre o assunto, para ser aplicado aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola do interior do Rio Grande do Sul.

Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentamos a metodologia utilizada; posteriormente, descrevemos a prática pedagógica e a fundamentação teórica; em seguida, apresentamos os resultados e sua discussão; por fim, trazemos as considerações

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul-*Campus* de Cerro Largo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. tamires.franca@estudante.uffs.edu.br

² Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul-*Campus* Cerro Largo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. andres.rambo@estudante.uffs.br

³ Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul-*Campus* Cerro Largo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. bruna.zimmer@estudante.uffs.edu.br

⁴ Doutora pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientadora. Prof.^(a) do Curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). acgteixeira@uffs.edu.br

⁵ Doutora pelo Centro Universitário Ritter dos Reis, UniRITTER. Orientadora. Prof.^(a) do Curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). jeize.batista@uffs.edu.br

finais.

1 METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia do trabalho, podemos considerá-la de natureza aplicada. Esse procedimento envolve a aplicação prática dos conhecimentos obtidos na pesquisa, transpondo-os da teoria para a realidade. No contexto do trabalho desenvolvido no PIBID, o planejamento é resultado de um trabalho teórico que conduz ao desenvolvimento de uma proposta didática que é executada em sala de aula. Esse plano é a consequência de um percurso teórico-metodológico que é realizado no interior do programa.

Nesse caso, trabalhamos a partir de uma abordagem qualitativa, isto é, no âmbito do PIBID, abordamos questões sociais através de atividades de linguagem nas aulas de língua portuguesa. Isso envolve a investigação do tema do plano e a criação de atividades com o propósito de estimular a reflexão crítica do aluno sobre o tópico, assim como o desenvolvimento de habilidades discursivas, tanto na leitura quanto na escrita.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, nossa meta é facilitar o melhoramento das habilidades de linguagem e a capacidade de analisar criticamente uma determinada questão social. Assim, trabalhamos a partir do quadro teórico-metodológico da perspectiva sociointeracionista (linguagem como forma de interação social):

O objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência de leitura e produção textual; a unidade textual em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades, modalidades, consoantes as possíveis situações sociocomunicativas - deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de português; e os elementos de natureza formal - relativos aos diferentes níveis de gramática - são essenciais para a construção do texto (Brandão, 2010, p. 9-10).

Nesse viés, o procedimento didático utilizado é a sequência didática (Dolz, Noverraz, Schneuwly, 2004), a qual é desenvolvida no planejamento. Na SD, tendo em vista a perspectiva sociointeracionista, são propostas atividades de leitura, interpretação, análise linguística, produção textual e reescrita, conforme é apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Atividades da Sequência Didática

- Pré-leitura, leitura, pós-leitura: atividades usadas para analisar criticamente o tema.
- Caracterização do gênero trabalhado: atividades que abordam as peculiaridades sociodiscursivas e estruturais do gênero estudado.
- Produção textual: produção dos alunos;
- Avaliação do texto do aluno: correção textual-interativa a partir de comentários, apontamentos, bilhetes;
- Reescrita e revisão: atividades de refação e de análise linguística.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nosso objetivo com a prática pedagógica foi despertar a curiosidade, conhecer, analisar e debater a cultura e um pouco da história dos povos indígenas. Inicialmente,

através de uma questão, procuramos entender qual a visão dos alunos do 6º ano sobre o indígena. Propomos a leitura de reportagens sobre os povos indígenas, assim como apresentamos um documentário intitulado “Falas Da Terra”, que aborda temas como a preservação do meio ambiente, violência contra a mulher e ancestralidade.

Com tais atividades, trabalhamos a oralidade, a escrita, a leitura e a reflexão. Tendo em vista teorias que embasam nossa prática, é interessante ressaltar o que diz Valle (2007, p.3):

Entendemos que é através do movimento entre teoria e prática em situações reais de leitura, que o professor poderá com lucidez perceber a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento, tornando-se e formando leitores autônomos e competentes.

Nossa preocupação foi levar aos alunos estímulos para que se tornem leitores críticos, para que conheçam outras perspectivas e possam transformar realidades. Notamos que, após a pandemia, há uma certa dificuldade em os alunos conseguirem se concentrar na leitura.

Não é fácil ser professor no contexto plural, pois exige conhecimento teórico-prático, bem como estratégias diversificadas de leitura e de escrita que, na maioria das vezes, extrapolam o habitat social de sala de aula, ou seja, por mais que o professor tente uniformizar o ensino no sentido de uma aprendizagem significativa para todos, existirá sempre a indiferença, a rejeição à prática escolar *in loco* da sala de aula (Rojo, 2004, p. 30).

A seguir, descrevemos com mais detalhes a prática pedagógica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Para introduzir o tema com os alunos do 6º ano, foi apresentado-lhes uma questão: “**Qual a representação da figura indígena para você?**”. Dessa maneira, foi possível mapear a visão de cada aluno referente ao tema, antes de lhes apresentar o documentário.

Após a entrega da questão, alguns alunos comentaram sobre sua representação do indígena, alguns deles se referiram ao índio, uma expressão já citada neste trabalho como inadequada. A grande maioria teve dificuldade de escrever ou desenhar, foi preciso estimulá-los. Ao final dessa dinâmica, projetamos o documentário no quadro da sala de aula, utilizamos recursos audiovisuais, caixa de som, computador. Na criação do plano de aula, de início, foi pensado em uma minipalestra com participação de uma indígena da Aldeia Tupiniquim, que estuda na UFFS, situação em que ela falaria um pouco mais sobre sua cultura. Porém, ao longo da prática, foi notável o quanto alguns alunos não iriam saber respeitar a nossa colega, pois havia piadinhas de mal gosto sobre os povos indígenas. Então essa atividade foi cancelada.

Também trabalhamos com o gênero reportagem a partir de textos que abordavam o tema: “O que você precisa saber sobre os povos indígenas do Brasil” e “Descobrimto ou invasão do Brasil?”. Praticamos a leitura oral com a turma e discutimos sobre o assunto. Também, retomamos a pergunta que entregamos para cada aluno antes de passarmos para a segunda reportagem, em que questionamos se, na opinião deles, o Brasil foi descoberto ou invadido, momento em que a grande maioria mostrou interesse pela problemática. Portanto, como futuros docentes de

língua portuguesa, nosso maior objetivo era fazer com que, através dessas reportagens, os alunos pudessem refletir sobre o assunto e desenvolver a competência de leitura.

A forma de fazer com que os alunos se reúnam e discutam sobre os temas faz com que eles, aos poucos, vão aprendendo a interagir com a turma e aprendam a compartilhar ideias e escutar opiniões diferentes. Assim, incentivá-los a ler os textos conosco faz com que desenvolvam suas capacidades discursivas e reflexivas cada vez mais. Sobre esse ponto, destacamos que

o aluno deve ser visto como sujeito ativo, que busca sua identidade. Para tanto, precisa que os professores rompam com modelos estanques e ultrapassados como: mecanização e/ou “decoreba”, anotações de resumos de textos, exposição, que não seja dialogada em sala de aula. Enfim, que a sala de aula seja um local de interlocução, de troca, onde haja a interpretação e reinterpretção da realidade social dos sujeitos (Freitas, 2013, p.30).

Assim, o planejamento seguiu essa abordagem, buscando a formação crítica dos alunos; as aulas, nesse enfoque, são momentos de trocas de conhecimento, em que todos podem expressar o seu ponto de vista. Nas aulas, foram realizadas bastantes perguntas e atividades relativas à interpretação. Após termos realizado a leitura oral das reportagens com os alunos, orientamos a escrita de cada estudante sobre a reflexão acerca de nossa história. Notamos uma certa dificuldade de concentração da turma, um fato que, acreditamos, agravou-se após a pandemia, como já citamos neste relato. Também propomos a reprodução de um brinquedo indígena, levando o exemplo da “peteca”, uma brincadeira divertida e que é conhecida.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A preparação e organização dessa prática de ensino ocorreu há alguns meses. No dia 28 de junho de 2023, foi oficialmente o primeiro dia de efetivação do plano com a turma do 6º ano. Usamos dois períodos logo de início e podemos dizer que foi um sucesso, os alunos foram participativos, tiveram interesse em saber mais sobre os povos indígenas, buscaram trazer para a sala de aula as suas dúvidas, e nós, pibidianos, sempre tentamos deixar o assunto o mais claro possível.

Diante disso, é interessante mencionar Solé (1998), a qual argumenta: poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, à medida que a leitura é um instrumento necessário para que nós possamos interagir com certas garantias em uma sociedade letrada.

CONCLUSÃO

A participação no PIBID está sendo uma experiência de extrema importância em nossas vidas. Poder atuar como docente, durante a caminhada para nos tornarmos oficialmente professores, é uma oportunidade única. A partir da realização dessas práticas, é possível termos uma noção de como é a realidade de um professor em sala de aula; é notável também o quanto devemos valorizar mais essa profissão linda que forma todas as outras.

Além disso, nessa experiência, foi possível perceber o interesse dos alunos em saber mais informações acerca do assunto que trabalhamos nas aulas. Em vista disso, é gratificante ver que a maioria se dedica em aprender, participando das leituras e reflexões; também são compreensíveis, pois sabem que estamos em formação para sermos docentes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo & VIEIRA, Sílvia Rodrigues (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e para a escrita: apresentação de um procedimento. Trad. Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. (p. 95-128)

FREITAS, M. G. de; BARBOSA, M. S. M. F. O professor de língua portuguesa no contexto atual: desafios e avanços. **Revista Letras Raras**, Vol 2, Nº 1 – 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo**: um olhar indígena. São Paulo: Callis, 2004.

VALLE M. J. O., 2007. **A FORMAÇÃO DO LEITOR COMPETENTE**: Estratégias de Leitura. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_maria_jesus_ornelas_valle.pdf. Acesso em : 12/09/2023.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.